

Um autor que marcou a história da economia brasileira

Para economistas, sociólogos e outros interessados em compreender o subdesenvolvimento brasileiro, estudar a densa obra de Celso Furtado, seu pensamento inconformado, sua teoria inovadora, é dever de ofício. Esse jurista de formação entendeu como poucos a economia do Brasil, suas relações internas e sua inserção no cenário mundial. Foi Furtado que, em sua perseverança desenvolvimentista, melhor definiu a relação entre centro e periferia e também quem melhor concebeu alternativas à dependência.

Furtado foi um intelectual completo e complexo. Como tal, as opiniões sobre ele e sua teoria naturalmente divergem, o que é muito bom, pois, como certa vez falou outro gigante deste país, a unanimidade é burra. Foi exatamente por esse motivo que a presente edição da revista *Rumos* nos brinda com os comentários de economistas igualmente qualificados, mas associados a distintas afinidades teóricas, sobre a coletânea da obra de Furtado, *Essencial*, organizada por Rosa Freire D'Aguiar (Companhia das Letras, 528 p.). Assim, o leitor encontrará duas resenhas: uma de Pedro Fonseca, professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e diretor do Centro Celso Furtado; outra de Luis Paulo Rosenberg, Ph.D. pela Universidade de Vanderbilt e diretor da Rosenberg e Associados. Esperamos que todos usufruam do mesmo prazer intelectual que tivemos ao ler estes dois textos de altíssima qualidade.

Carlos Henrique Horn, doutor em economia, presidente da ABDE e do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul

Celso Furtado *Essencial*

por Pedro Fonseca

Trata-se de obra com seleção de capítulos de livros e artigos de Celso Furtado organizada pela jornalista e viúva do autor, Rosa Freire D'Aguiar. Como esta afirma na apresentação, “toda coletânea tem um quê de subjetividade”. A presente pretendeu, através de trinta e dois trabalhos de Furtado e em mais de 500 páginas, permitir ao leitor uma visão abrangente de seu pensamento através de quatro seções: trajetórias (de cunho autobiográfico), pensamento econômico (dividido entre teoria e história), pensamento político e a última, intitulada “Cultura, Ciência, Economistas”, com artigos variados sobre esses temas.

O resultado não poderia ser melhor, a contar que a qualidade da matéria-prima, como se sabe, influiu decisivamente para o gabarito do produto final. Fica visível, no conjunto da obra, a razão de Furtado ter-se tornado o mais importante pensador do estruturalismo cepalino. Se este teve como marco inicial o “manifesto de Havana” de Prebisch (1949), com a denúncia da deterioração dos termos de intercâmbio, foi com Furtado que o pensamento cepalino incorporou a teorização mais profunda sobre o subdesenvolvimento e suas causas, rompendo com a barreira da disciplinariedade ao avançar na relação entre economia, história, sociologia, antropologia, ciência política e cultura. Seu

Gigante

por Luis Paulo Rosenberg

Para um economista sexagenário, o prazer de ler a coletânea de trabalhos de Celso Furtado é muito intenso. Ídolo de uma geração, com Celso, o historiador, aprendemos como se formou o Brasil, do ciclo da cana, passando pela transumância amazônica e a crise de 1929, até a erupção do vulcão paulista, nos primórdios da industrialização. Mas conhecíamos também o Celso formulador teórico, ensinando-nos as raízes do subdesenvolvimento, a dicotomia centro-periferia, as teses da Cepal: como tal, agia no nosso *hardware*, estabelecendo nossa consciência social, exorcizando nosso complexo de vira-latas, dando sustentação teórica à batalha pela emancipação dos emergentes. Talvez ainda mais importante, o Celso Ministro do Planejamento ou Superintendente da Sudene, versão turbinada do sertanejo de Euclides da Cunha, um forte com visão internacional, nosso exemplo de profissional, incorruptível e engajado.

Acredito que os jovens economistas vão se deliciar também com a leitura do *Essencial*. Realmente, Rosa Freire d'Aguiar foi muito feliz em flagrar momentos e temas que delineiam com rara pertinência o perfil profissional, intelectual e pessoal de Celso. Só mesmo uma companheira de vida para ter a sensibilidade de encontrar e nos revelar os aspectos mais marcantes da trajetória de Celso entre nós. A inspiração

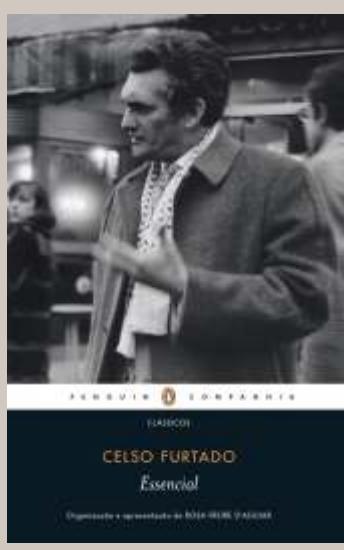
começa na forma inteligente e carinhosa de agrupar os diversos textos, segundo o foco de abordagem. Assim, eles seguem, em sequência, abordando a carreira dele, os textos teóricos e históricos do seu pensamento econômico, seu pensamento político e, finalmente, textos relacionados à cultura e ciência, além das saborosas peças em que nos ensina o que é ser economista e como nos livrarmos das peias do pensamento dominado pelas teorias desenvolvidas no Centro. *Essencial* é efetivamente um passeio guiado pela vida e obra de um dos brasileiros mais notáveis que viveram, um marco, um mestre, um mito.

Resistir ao encanto do seu texto formalmente linear, mas revolucionariamente contestador, quem há de? Cobrindo um período de mais de meio século de escritos, o livro impressiona pela permanência dos valores básicos do autor ao longo de toda sua existência, ainda que temperada pelo jogo de cintura dele ao abordar temas novos. Assim, durante esta peregrinação ao mundo de Celso, o leitor vai descobrir que o meio ambiente em processo de degradação já fazia parte das atenções de Celso, muito antes de virar moda no Primeiro Mundo e lançar suas raízes no Brasil.

A obra que emana da leitura dos diversos trabalhos é a de um intelectual completo, misto de historiador, geógrafo, filósofo e cientista político. E economista? Como ele próprio afirma, “aos 26 anos, quando comecei a estudar Economia, minha visão do mundo estava definida, sendo a Economia apenas um instrumental para tratar problemas que lhe vinham da observação histórica”. Nós, doutores forma-

contato aos 25 anos com o continente europeu, ao participar da Força Expedicionária Brasileira (FEB) em 1945, relata, permitiu-lhe constatar que a realidade brasileira não era imutável. O “atraso” de que falavam outros intérpretes do Brasil poderia ser revertido: o mundo não era uma fatalidade nem havia cabimento em interpretar seus problemas como fruto de determinismo racial, biológico ou climático. Nasceia, assim, a principal teorização do desenvolvimentismo latino-americano. A noção de subdesenvolvimento construída por Furtado alicerçou-se em causas histórico-estruturais e, ao contrário do pensamento então predominante, não o concebe como uma etapa, pois tenderia a se reproduzir – e não a ser superado – se nada fosse feito. Como objeto social, o subdesenvolvimento poderia ser revertido.

Coerente com tal eixo teórico, fica visível nos textos selecionados a forte inter-relação entre o mesmo e seu trabalho como economista, como na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e nos ministérios que presidiu (Planejamento e Cultura). Salienta-se, também, a vasta gama de fontes teóricas na qual se abebera, muitas vezes de raízes filosóficas conflitantes. Há aquelas que ele mesmo arrola (positivismo, Marx, a “sociologia americana”, Gilberto Freyre, Karl Mannheim, Pirenne). Mas há outros autores cuja leitura influenciaram sua formação (Schumpeter, a tradição marshalliana de Cambridge, como Keynes e Kaldor, a tradição histórica alemã, como List, Sombart e Max Weber) e os coevos com quem dialoga (Prebisch, Hirschman, Perroux, Myrdal), dentre outros. Sabe-se que o ecletismo teórico resultante da mistura de *approaches*, assim como as coletâneas, também corre lá seus riscos epistemológicos. Furtado, todavia, consegue amarrar cada um no seu lugar, imputando a todos sua razão de ser. Ao contrário da tendência acadêmica predominante em economia de perfilar-se em uma matriz teórica e morrer com ela, o pluralismo sem preconceitos de fontes evidencia que, para Furtado, autor relevante era aquele que o ajudava a entender a realida-



dos na tradição neoclássica das escolas americanas, não podemos deixar de enaltecer o raciocínio analítico elegante de Furtado, tão mais meritório por não se valer do rigor dos modelos matemáticos para balizar seu percurso na busca de conclusões válidas. Seu método é mais marxista, histórico. Ao contrário de como somos treinados, revela nítida preferência pela indução à dedução, sujeitando-se, consequentemente, à vulnerabilidade analítica, que tal postura propicia.

Claro, imaginar que suas teses possam ter sobrevivido à queda do Muro de Berlim, à decorrente globalização induzida pelo desmoronamento da opção socialista, à ascensão da China comunista-capitalista e à explosão da bolha imobiliária nos Estados Unidos seria o mesmo que esperar que a descoberta de Graham Bell pudesse competir com um *smartphone* de hoje. A Teoria da Deterioração da Relação de Trocas – pela qual a evolução dos preços industriais tinha uma tendência inexorável a suplantar a dos primários – virou piada, quando hoje se compra soja a preço de automóvel e televisores, a preço de banana. Igualmente, a fronteira entre Centro e Periferia foi para o espaço: Rússia é Centro ou Periferia? China é Periferia ou Centro? Espanha é Periferia? Chile é Centro?

Mas tais percalços em nada desvalorizam sua obra. Colocar a luta pelo poder no centro do debate econômico, micro ou macro, é a grande lição deste nordestino fidalgo. Economia é acima de tudo

de latino-americana e, em especial, a sociedade brasileira. Reconhecia, portanto, a complexidade do objeto e sua primazia sobre o método, postulado negado pelas ortodoxias em seus vários matizes, sempre prontas ao formalismo e a firmar saberes “que se bastam”, fechados em si mesmos.

Dentre trabalhos extraídos de livros bastante difundidos (mas que podem servir de antessala aos leitores de primeira viagem), outros menos conhecidos enriquecem a obra, como “Entre o inconformismo e o reformismo” (publicado inicialmente em *Pioneers in Development: Second Series*. Washington: Oxford University Press, 1987), um dos raros que permitem antever com clareza sua tão controversa ideologia. As agruras de seu reformismo, num contexto polarizado pela Guerra Fria, fazia de Furtado um espécime bastante singular na intelectualidade latino-americana e internacional. Numa época em que a direita pregava claramente o golpismo e associava o nacional-desenvolvimentismo a populismo e a comunismo, dando ensejo a ditaduras, e a esquerda desdenhava da possibilidade de qualquer transformação dentro dos marcos políticos da “democracia burguesa”, Furtado era uma das poucas vozes a acreditar na democracia e a repelir qualquer forma de autoritarismo. Como antes, muitos continuam a negligiar seus trabalhos: a globalização e as mudanças das últimas décadas, argumenta-se, o teriam desatualizado. Entretanto, o mesmo bom senso que alerta ao fato de que as alternativas para superação dos problemas devam ser repensadas e atualizadas deve também lembrar que estes, a rigor, ainda perduram. Enquanto continuar a existir o que Furtado sintetizava como subdesenvolvimento – desigualdades regionais e pessoais na distribuição de renda e da riqueza, heterogeneidade estrutural, baixa produtividade, defasagem tecnológica, indicadores sociais pífios –, parece improvável que suas reflexões possam ser desprezadas. E, é claro, não gerem polêmica e desconforto.

o locus de lutas de todos os tipos: entre multinacionais e empresas locais, entre o rural atrasado e as áreas urbanas industrializadas, entre trabalho e capital, entre desenvolvidos e subdesenvolvidos. Desmascara, assim, a fábula onírica da função de produção, o engodo que se procura passar ao jovem estudante, pelo qual uma figura abstrata de “empreendedor” mistura capital e trabalho em proporções eficientes, para alcançar o máximo de produção, colocando ambos os fatores em pé de igualdade. Substitui-se a luta de classe pela suave tarefa de bem mesclar um punhadinho de capital, com um pouquinho de trabalho e, abracadabra!, a Engenharia de Produção destroena a exploração do homem pelo homem, enquanto a apropriação da mais-valia cede espaço para a simbiose dos fatores produtivos.

Minha recomendação: não deixe de curtir esta excursão pelo Brasil sonhado por este visionário, que tantos erros analíticos cometeu, possuído que sempre esteve pelas suas prioridades éticas e políticas. Conheça assim um homem que tentou mudar o seu tempo, com despojamento material, aceitando os sacrifícios que a defesa de suas teses lhe impunham. Um herói autêntico. Quixotesco, talvez, rudimentar nas “provas” de suas teorias, mas elegante, inquebrantável, de uma grandiosidade de alma que está desaparecendo da nossa profissão.